

# O interesse comum dos latinos para negociar com os bancos

por Steve Frazier  
da AP/Dow Jones

A decisão do México em participar, junto a três outros países latino-americanos, de um empréstimo de emergência à Argentina decorre em grande parte da crença do governo de que se poderá constituir uma "frente unida" para exigir termos mais brandos por parte dos bancos estrangeiros para com as enormes dívidas da área.

O México e a Venezuela estão emprestando US\$ 100 milhões cada, com mais duas contribuições de US\$ 50 milhões do Brasil e Colômbia, como parte de um pacote que possibilitou à Argentina superar uma crise no fim de semana passado que poderia ter interrompido o fluxo de créditos a Buenos Aires, que tem mais de US\$ 2 bilhões em pagamentos vencidos de sua dívida externa de US\$ 43 bilhões.

O governo mexicano, que teve um papel essencial nas gestões para o empréstimo, tem um motivo óbvio para pressionar por menores taxas de juros: cada redução de um ponto percentual sobre sua própria dívida significa uma economia de US\$ 700 milhões por ano, segundo suas estimativas.

## OBJETIVOS

Os três outros países também têm objetivos similares, segundo consultas feitas entre funcionários do governo, banqueiros e empresários dessas nações. Os quatro países e mais a Argentina têm uma dívida pública combinada de mais de US\$ 254 bilhões e, com exceção da Venezuela e Colômbia, têm sido forçados a concordar com rigorosos programas de austeridade do Fundo Monetário Internacional, restringindo seus gastos orçamentários e controlando a inflação de forma a obter créditos dessa instituição.

Os bancos credores geralmente exigem a intervenção do FMI antes de prolongar os pagamentos ou fornecer novos empréstimos aos países fortemente endividados.

Existe também a preocupação, compartilhada por vários países, de que, caso a Argentina não concorde com as medidas de austeridade do FMI adotadas em outros países, seja gerada uma enorme inquietação política entre as demais nações da área.

Por exemplo, as medidas de austeridade que o México adotou para obter financiamento do Fundo Monetário Internacional (FMI), e sem as quais não conseguiria que os bancos refinanciassem sua dívida externa de mais de US\$ 85 bilhões, já baixaram os padrões de vida da maioria

dos mexicanos. Tendo decidido ser necessário o pagamento da dívida, o México não deseja que outras nações contraiam seus planos.

## MEDO DO CONFRONTO

O México também temia que um confronto entre a Argentina e os bancos pudesse prejudicar as negociações para obter os recursos de que o país necessita desesperadamente. Funcionários mexicanos comentaram que a participação no empréstimo à Argentina serviu ao menos para acalmar os mercados de crédito, enquanto o México tenta armar novos empréstimos necessários para este ano, totalizando US\$ 3,8 bilhões, para não mencionar os US\$ 10 bilhões em pagamentos do principal que terão de ser renegociados no próximo ano.

Ao mesmo tempo, o governo mexicano tem reiterado suas reivindicações para que os bancos estrangeiros facilitem os termos de pagamento a longo prazo para a região, para evitar uma contínua série de crises econômicas.

Como recordou o presidente mexicano, Miguel de la Madrid, em um pronunciamento feito durante sua visita ao Brasil, na semana passada, os esforços de nações como México e Brasil para restabelecer a ordem econômica têm sido frustrados por altas taxas de juros e barreiras comerciais. Ressaltou, também, que os países devedores necessitam de um alívio para que possam honrar seus compromissos.

"Nós decidimos pagar nossa dívida externa, e sabemos que temos de fazê-

lo", disse um funcionário do Tesouro mexicano. "Mas ainda estamos trabalhando por um plano de pagamento dos empréstimos com o qual possamos viver, e continuaremos a nos queixar sobre as altas taxas de juros nos Estados Unidos".

Apesar da reação ao empréstimo no México ter sido de silêncio, alguns grupos opositoristas se queixaram-se de que o governo está contribuindo para jogar a Argentina nos braços do FMI e suas orientações restritivas, ressaltando que o México deveria estar fazendo mais para resistir às medidas dessa instituição.

Funcionários do governo, em resposta, afirmam que o empréstimo ajuda a promover a solidariedade regional. "O fato de o México estar fazendo isto, em colaboração com outros países, permite-nos dizer que a nação deseja auxiliar a Argentina a enfrentar os monstros de Wall Street e os gnomos de Zurique", afirmou um analista político.

## VENEZUELA

Os venezuelanos, por sua vez, têm motivos particulares para unir-se ao empréstimo. A Venezuela não necessita da assistência do FMI e iniciará ainda este mês a renegociação de sua dívida externa bancária, de US\$ 27 bilhões. Ela precisa reestruturar seus débitos porque US\$ 17 bilhões de suas obrigações vencem este ano, enquanto os rendimentos petrolíferos anuais deverão atingir entre US\$ 14 bilhões e US\$ 15 bilhões.

As autoridades venezuelanas se mostram ansiosas para demonstrar que o país, com reservas de divisas externas totalizando US\$ 11,4 bilhões, está em melhores condições que os demais países devedores. Em março, as agências do governo venezuelano atrasaram o pagamento em cerca de US\$ 150 milhões de juros, mas, na semana passada, esse total já havia sido bem reduzido.

A dívida do setor privado da Venezuela constitui uma preocupação mais séria para os bancos. Desde fevereiro de 1983, quando a Venezuela impôs controles cambiais e desvalorizou o bolívar, o setor privado não tem tido condições de obter dólares suficientes para saldar seus débitos. A maioria das estimativas situa os juros vencidos em mais de US\$ 1 bilhão, sobre um montante de US\$ 8 bilhões em dívidas.

O novo governo do país, entretanto, está abrاندando os controles, permitindo que um maior volume de débitos comerciais seja pago.

No Brasil, alguns políticos declararam que há um crescente sentimento de que o País deveria seguir o exemplo da Argentina e resistir ao FMI. A reação pública ao empréstimo ainda não está bem definida, mas economistas e cientistas políticos afirmam que isto se poderá alterar caso a Argentina receba um tratamento mais favorável do FMI e dos bancos, em comparação ao Brasil. Situada em US\$ 90 bilhões, a dívida brasileira é a maior de todos os países do Terceiro Mundo.